

TELEJORNALISMO E COVID-19: COMO A PANDEMIA RESSIGNIFICOU AS ROTINAS PRODUTIVAS DO JORNAL NACIONAL

Michele Negrini¹
Natália Redü²

Resumo: Em tempos de coronavírus e de distanciamento social, ressignificações passaram a ser fundamentais em diversos setores da sociedade brasileira, inclusive no jornalismo. Em relação ao jornalismo televisivo, as práticas cotidianas precisaram ser transformadas, visando a preservação tanto dos membros das equipes de reportagem, como das fontes. Desta forma, atividades comuns na rotina telejornalística, como a captação de imagens, a realização de entrevistas e o contato com as fontes, precisaram tomar novos contornos e os telejornais de referência passaram a assumir novas práticas, como uso de máscara por parte dos repórteres e realização de entrevistas pela internet. Desta forma, este trabalho é focado na observação das transformações nas rotinas produtivas e nas práticas cotidianas do Jornal Nacional em virtude do coronavírus. Vamos observar três edições, que foram ao ar nos dias 23 de março, 23 de abril e 23 de maio de 2020.

Palavras-chave: Telejornalismo. COVID-19. Jornal Nacional. Rotinas produtivas.

TELEJOURNALISM AND COVID-19: HOW PANDEMY MEAN ROUTINES AND DAILY PRACTICES IN THE NATIONAL NEWSPAPER

Abstract: In times of coronavirus and social distance, reframing has become essential in several sectors of Brazilian society, including journalism. In relation to television journalism, daily practices needed to be transformed, with a view to preserving both the members of the reporting teams and the sources. In this way, common activities in the television news routine, such as capturing images, conducting interviews and contacting sources, needed to take on new shapes and the reference news programs started to assume new practices, such as wearing a mask by reporters and conducting interviews over the internet. In this way, this work is focused on observing the transformations in the productives routines and daily practices of Jornal Nacional due to the coronavirus. We will look at three editions, which aired on March 23, April 23 and May 23, 2020.

¹ Doutora em Comunicação pela PUC RS. Tem pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

² Jornalista formada pela UFPel. Email: nataliaredu@gmail.com

Keywords: Telejournalism. COVID-19. Jornal Nacional. Productive routines.

1. OLHARES INTRODUTÓRIOS

No cotidiano de uma redação, as rotinas produtivas³ e os fazeres jornalísticos são dinâmicos e estão sujeitos a ressignificações que são impregnadas de circunstâncias providas do momento social, cultural e tecnológico. Com o advento de novas tecnologias, os agentes de divulgação de informações passam a ser múltiplos. As redações já não têm mais a centralidade quando se fala em produção de conteúdo e de difusão informativa e a produção de notícias provém de diversas matrizes. Pessoas leigas em relação à produção jornalística e de notícias, de posse de um dispositivo móvel, podem levar informações ao alcance de muitos, o que convoca novos olhares e ponderações sobre os assuntos que são disseminados.

Na atualidade, o cenário que aponta para a difusão de informações com uma conformação narrativa mais informal e com menos rigor em nível de parâmetros estéticos se faz presente, inclusive, no espaço do telejornalismo de referência. A pandemia do coronavírus, que teve “boom” no Brasil no início de março de 2020, acarretou a reconfiguração do desenvolvimento de atividades nos mais diversos setores, inclusive, nas práticas diárias dos meios de comunicação. O mundo passou a conviver com uma nova realidade, dotada de restrições e de imposições em nível cotidiano. Nesta seara, o contato com as fontes, a produção de imagens e o convívio no interior de uma redação passaram por transformações. Muitas rotinas de produção telejornalística tiveram que ser ressignificadas e as formas de contar os fatos precisaram ser revistas e repensadas, tendo em vista a necessidade de prevenir a disseminação do vírus. Com isso, os fazeres telejornalísticos tiveram que ser realizados a partir de

³ Pereira, Lacerda e Santos (2005, p.2) fazem reflexões sobre rotinas produtivas: “Durante o dia-a-dia da cobertura noticiosa os jornalistas estruturam seu trabalho por meio de rotinas produtivas. Elas permitem que os repórteres transformem acontecimentos em notícias sem grandes sobressaltos (Traquina 1993), se constituem num atalho capaz de facilitar as decisões pessoais dos jornalistas. São também uma forma eficaz de lidar com os constrangimentos do tempo, já que a consciência temporal estaria subjacente à estrutura básica das rotinas (Schlesinger, 1993)”.

recomendações de cuidados com a preservação da saúde, providas de autoridades em nível mundial.

Com a necessidade de cuidados e de precauções contra o coronavírus, no âmbito televisivo, diversas mudanças foram efetivadas. Entrevistas passaram a ser realizadas de forma online, ou as fontes passaram a enviar vídeos para as redações feitos por elas mesmas ou por outras pessoas; jornalistas pertencentes ao chamado grupo de risco passaram a trabalhar de suas casas; equipes de redação começaram a realizar suas atividades de máscaras e repórteres passaram a gravar passagens com o artefato; as sonoras feitas em ambientes externos passaram a ser realizadas com o cuidado de distanciamento do repórter com o entrevistado e com o uso de dois microfones. Além destes cuidados, medidas de higienização também passaram a fazer parte do cotidiano das redações. A partir das transformações que precisaram ser feitas no cotidiano das redações televisivas e nas suas formas de trabalho, passamos a evidenciar um telejornalismo fortemente ancorado em divulgação de informações, em detrimento de questões estéticas no decorrer da reportagem.

A partir dos argumentos apontados, este artigo está focado na observação das transformações nas rotinas produtivas e nas práticas cotidianas do telejornalismo de referência, especificamente do Jornal Nacional, as quais foram impostas pelo contexto da pandemia do coronavírus. A pesquisa terá caráter exploratório e observacional (GIL, 2008).

2.PRÁTICAS TELEJORNALÍSTICAS EM TRANSFORMAÇÃO

Como dizem Moraes e Bez (2004), cada tipo distinto de produção audiovisual possui suas formas específicas e particulares de atingir o público espectador. Ao tratarmos do telejornalismo, historicamente, há rotinas consolidadas e fazeres que podem ser vistos como hegemônicos. Como diz Silva (2019):

é possível pensar que, ao longo de sua trajetória, o telejornalismo brasileiro tenha desenvolvido práticas que foram internalizadas pelos profissionais de TV (jornalistas, técnicos, gestores) e disseminadas pelas escolas de jornalismo, nos estúdios e nas redações, que se constituem no que podemos chamar de um “saber telejornalístico”. Esse conjunto de procedimentos – que vão além do domínio de técnicas audiovisuais e de construção de narrativas – tem repercussão e é validado como conhecimento, quer seja por quem produz a notícia, quer seja por quem a consome. (SILVA, 2019, p.27)

Os olhares de Silva (2019) sinalizam para a existência de perspectivas enraizadas no cotidiano das redações de TV, as quais, muitas vezes, norteiam as práticas de jornalistas e levam a uma organização de conteúdos de reportagens a partir de conformações de padrões do telejornalismo, conduzindo à demarcação do estilo de cada telejornal. Emerim (2010, p.8) discorre sobre a existência de padrões no telejornalismo:

O telejornalismo possui padrões mais rígidos de comportamento se comparado com outras áreas de produção televisiva, isto porque, em princípio, ele se propõe a tratar a realidade e, dessa forma, influenciar diretamente na vida das pessoas. Por isso, no telejornalismo, a roupa, a gestualidade, o tom de voz e as expressões faciais são parte da reportagem, contam narrativas tanto quanto as notícias. E tudo isso reflete no produto final do texto da notícia, ou seja, na reportagem.

Manuais de redação de TV trazem ideias basilares sobre a constituição textual de uma reportagem telejornalística e sobre relações dos discursos verbais com os discursos imagéticos. Como diz Vera Íris Paternostro, em sua obra *O texto na TV; manual de telejornalismo: “Imagens. Boas, fortes, contundentes. Característica fundamental na matéria de TV”* (PATERNOSTRO, 2006, P.73). Ela salienta que a televisão trabalha com a combinação dos sentidos da visão e da audição.

Carlida Emerim (2010), ao discorrer sobre reportagem para TV, destaca que o jornalismo televisivo tem como função primordial a divulgação de informações sobre um acontecimento. A autora aponta algumas normas que são importantes para a construção textual deste tipo de texto:

A estrutura narrativa da reportagem na televisão, de modo geral, constitui-se de off, boletim e sonora, sendo independente a ordem de aparição na estrutura narrativa. Condiciona-se que uma boa reportagem não precisa da aparição do repórter no boletim, assim, este só deve ser usado em situações específicas, ou seja, quando não existe outro modo de dar aquela informação (EMERIM, 2010, p.9).

As palavras de Emerim, ao discorrer sobre uma estrutura que, normalmente, é vista nos textos televisivos reitera a perspectiva de que a constituição do texto para a TV tem parâmetros e normas. Mas, cabe destacar que, na contemporaneidade, com o desenvolvimento tecnológico - tanto em nível de softwares que dão suporte à compilação de informações e à edição, como em nível de equipamentos -, diversas transformações são vistas na seara do telejornal.

Como a forma de tessitura de um texto telejornalístico é resultado de diversos pontos, como cultura, tecnologia e sociedade, mudanças em diversos níveis implicam em ressignificações nas formas de contar os fatos. Desta forma, o desenvolvimento tecnológico tem permitido a dinamização da narrativa de um telejornal, com o aumento de possibilidades em pontos como a inserção de recursos gráficos ilustrando as matérias e ajudando a suprir os casos de dificuldades de captação de imagens. O advento de novas tecnologias também deu suporte para que os espectadores pudessem ser mais participantes do relato telejornalístico, podendo mandar comentários e sugestões ao telejornal, bem como enviar imagens de fatos presenciados no cotidiano. Silva acrescenta:

As tecnologias digitais trouxeram grande mudança para a rotina produtiva do jornalismo. Além de facilitar a circulação da informação, bem como o acesso e a conexão entre pessoas de todo planeta, a internet é um importante instrumento de pesquisa. Sem dúvida, uma das grandes mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo televisivo foi trazida pela edição não-linear. Todo o trabalho foi revisto: padrões de enquadramento, cor, iluminação, ângulos, captação de áudio. As etapas de produção viveram a adaptação ao formato digital. A edição não-linear também possibilitou que fossem agregadas informações visuais (grafismos) às notícias, de forma a oferecer mais clareza aos dados mais difíceis de serem entendidos por grande parte da população. Essa operação exigiu uma sintonia entre os vários profissionais envolvidos no processo: o editor de texto, o editor de imagem e o editor de arte (SILVA, 2019, p.30)

Como diz Silva, as tecnologias oportunizaram edições mais modernas e dinâmicas, com padrões de qualidade de imagem e de som mais definidos; e as rotinas de produção passaram a ser reconfiguradas com viés em adaptação às novas possibilidades tecnológicas. Neste cenário de constantes transformações na forma de contar os fatos e de conformar as informações para que elas passem a integrar as pautas de um telejornal, é importante destacar as mudanças que a pandemia do coronavírus impôs a todos os veículos de comunicação e, especialmente, ao telejornalismo que depende de imagens para poder contar histórias e levar informações ao público.

Como falamos, as redações precisaram passar por adaptações para suprir a busca por informações no contexto de insegurança gerado pela Covid-19. Lembrando que o jornalista Caue Fonseca, em matéria publicada no portal Gaúcha ZH, em 12 de maio de 2020, destaca o crescimento da audiência televisiva no contexto do início da pandemia: “Dos 20 dias e horários em que a TV teve mais audiência nos últimos cinco anos, 11 ocorreram em março de 2020” (FONSECA, *Web*, s/p). Telejornais aumentaram os seus tempos no ar para poderem

disponibilizar mais informações ao público no espectro do coronavírus. Ao mesmo tempo, as rotinas das TVs tiveram que ser adequadas às exigências das autoridades de saúde para preservação de todos os envolvidos no processo de tessitura noticiosa, como jornalistas e fontes.

Cabe destacar que o site Coletiva.net, em texto divulgado no dia 14 de abril de 2020, relatou desafios que as emissoras de TV tiveram para poderem se adaptar ao novo panorama e para poderem produzir telejornal em meio a um contexto de crise mundial na saúde. A reportagem explorou relatos de pessoas ligadas às televisões no estado do Rio Grande do Sul. Entre as adaptações cotidianas nas TVs gaúchas, mas que são válidas para o telejornalismo nacional, constatadas pela reportagem cabe enfatizar: higienização pelas equipes que vão às ruas e nas redações; uso de dois microfones para a realização de entrevistas; redução do capital humano nas redações e aumento do *home office*; uso de máscara pelas equipes de reportagem; além de realização de entrevistas com o suporte da internet. No contexto dos telejornais que passaram por transformações devido à pandemia, cabe salientar o Jornal Nacional.

3. JN EM MEIO À PANDEMIA

Para fazermos ponderações sobre as transformações nas rotinas cotidianas do Jornal Nacional, como na captação de imagens, na realização de entrevistas e no contato com as fontes, é fundamental conhecermos alguns pontos relativos à história do telejornal e sobre as mudanças em nível de estilo que ele apresentou no decorrer do seu processo histórico. Gomes (2007, p.12-13) assinala a importância da contextualização em relação a um telejornal para que ele seja analisado. “A contextualização deve ter como objetivo compreender o programa como produto cultural específico, enquanto conjunto de estratégias histórica, econômica, cultural, ideológica e socialmente marcadas” (GOMES, 2007, p.13). A autora ainda aponta que a contextualização deve ser uma forma que nos ajuda a entender melhor o nosso objeto de pesquisa, ou seja, o programa que está sendo estudado.

Analisar o contexto em que um programa se insere deve significar, no esforço mesmo de análise, verificar como um programa específico apela, faz referência a, convoca seu contexto. Em outros termos, quando analisamos um programa – por exemplo, o Linha Direta, da Rede Globo12 - devemos nos perguntar em que Brasil esse programa é possível, em que jornalismo e em que sociedade podemos tão facilmente passar da factualidade à dramaturgia, em que emissora um programa jornalístico pode incorporar tão naturalmente o uso de atores, os enquadramentos e planos da telenovela, como um programa televisivo se constrói na relação, ao mesmo tempo, com os gêneros televisivos e com o gênero policial, ou seja, como convoca uma certa competência cultural dos seus receptores em relação ao gênero policial – no cinema, na literatura (GOMES, 2007, p.13).

A partir dos apontamentos de Gomes (2007) sobre a importância de contextualização do objeto de estudos, vamos discorrer sobre o Jornal Nacional. Negrini (2020, p.82) reflete as diversas transformações nas formas de apresentar as notícias e de compor seu estilo apresentadas pelo Jornal Nacional: “O telejornal passou por significativas mudanças de cenário, trocas de apresentadores, alterações no papel dos âncoras – que passaram a ter funções na redação –, além da introdução de novas tecnologias em seu cotidiano”. Cabe destacar que o JN foi o primeiro telejornal com transmissão ao vivo, em rede nacional. Ele foi ao ar, pela primeira vez, no dia 1º de setembro de 1969 e foi apresentado, simultaneamente, para algumas capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Para Coutinho (2008), o JN teve importância na formação de debates sobre as relações entre história, mídia e sociedade em nível de Brasil. Franco (2013) demarca que o Jornal Nacional, em seu início, tinha uma duração de 15 minutos e era dividido em três blocos: o local, o nacional e o internacional. A configuração inicial do telejornal teve amplas ressignificações no decorrer de seu processo histórico, como diz Negrini (2020, p.100-101):

JN é apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Com o passar do tempo, o Jornal Nacional passou por diversas reconfigurações, relacionadas principalmente à apresentação e ao cenário. De acordo com o site Memória Globo⁴, em 26 de abril de 2000, nas comemorações do aniversário de 35 anos da Rede Globo, o JN foi alvo de completa reconfiguração. Neste momento, o estúdio tradicional deu lugar a uma bancada dentro da redação e a bancada passou a ser organizada como um ambiente de trabalho, contendo computador, e localizada em um mezanino.

Entre as reformulações observadas no JN, cabe apontar que no ano de 2017 ocorreu uma mudança significativa no cenário do telejornal. No mês de junho daquele ano, o noticiário televisivo fez a estreia de um estúdio novo, marcado pela presença da tecnologia. No local, a presença de um vidro, com forma de curva, faz a divisão entre o cenário e a redação. Informações sobre o novo cenário podem ser encontradas no site Memória Globo: “O novo cenário foi montado [...] em uma área de 1.370 m², ocupados por 189 postos de trabalho, 18 ilhas de edição, três de pós-produção, duas cabines de locução e salas de reunião” (MEMÓRIA GLOBO, web, s/p). Ainda de acordo com o site Memória Globo, no fundo da redação há um

⁴ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>>.

telão de LED, que tem tamanho de 16 metros de largura e 3 metros de altura, dando bases para efeitos de 3D nas apresentações.

Da mesma forma que foram ocorrendo transformações no cenário, o estilo e os apresentadores do programa foram redefinidos. Negrini (2020) dá destaque para os apresentadores que passaram pela bancada do JN:

No decorrer da constituição histórica do JN, houve várias trocas de apresentadores. Passaram pela bancada nomes como Hilton Gomes, Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Celso Freitas, William Bonner, Lilian Witte Fibe, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos. Além dos apresentadores efetivos, o JN conta com outros eventuais, que ancoram o programa aos sábados e cobrem férias (NEGRINI, 2020, p.103).

Na atualidade, o telejornal é apresentado por William Bonner e por Renata Vasconcellos e tem um estilo bem mais voltado à apresentação de forma dinâmica e à aproximação com o público do que em seus primórdios. No decorrer do percurso histórico do telejornal, ele foi buscando se reconfigurar de acordo com o momento cultural, tecnológicos e social.

Da mesma forma que as transformações no cenário do JN são reflexos da constituição da cultura e da tecnologia presentes nas sociedades, os apresentadores foram sendo substituídos na medida em que o estilo do telejornal foi se ressignificando. Novos apresentadores representam mudanças no estilo do programa e na procura por aproximação com os espectadores (NEGRINI, 2020, p.105).

Apesar de ter tido diversas transformações no estilo, um ponto que sempre foi marcante no JN foi a excelência na qualidade de imagens e no padrão técnico visível em suas apresentações. Duarte (2013) analisa a questão do padrão de qualidade da Rede Globo:

Mas a construção do que hoje se chama Padrão Globo de Qualidade, para além dessa infraestrutura competente e capacitada, está estreitamente ligada, como não poderia deixar de ser, ao setor produtivo da emissora, responsável pela realização da maior parte dos programas de sua grade, cuja meta principal é o aumento do consumo de sua programação e dos produtos por ela ofertados ao mercado televisual, traduzido em termos de audiência e participação do telespectador (DUARTE, 2013, p.332)

Mas, no contexto gerado pela pandemia do coronavírus, algumas mudanças foram visualizadas nas rotinas e na constituição das reportagens levadas ao ar. A seguir, vamos apresentar análises de edições do JN, buscando focar as ressignificações observadas com o avanço da COVID-19 no Brasil.

4.APONTAMENTOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO JORNAL NACIONAL EM TEMPOS DE COVID-19

Como já mencionado, este artigo tem como objetivo analisar três edições do Jornal Nacional, que são: 23 de março, 23 de abril e 23 de maio, todas do ano de 2020. O período selecionado dá bases para ilustrar as mudanças ocorridas no Jornal Nacional em tempos de COVID-19. A escolha pelo Jornal Nacional se deu por ser um noticioso de grande audiência e credibilidade em nosso país. No ar desde 1969, sendo o “programa mais antigo em exibição na televisão brasileira” (GOMES, 2010, p. 05), é visto como fonte de informação extremamente confiável por muitos telespectadores. E como já referido, a presente pesquisa é de caráter exploratório⁵ e de cunho observacional⁶. Cabe salientar que, a partir da observação e análise das edições em estudo, propomo-nos a fazer reflexões sobre os pontos verificados e sobre as mudanças vistas, tentando evidenciar as transformações das rotinas produtivas telejornalísticas com as tessituras das reportagens.

O noticioso, que sempre foi destaque quanto à inovação e tecnologia, reforça essa crença em tempos de pandemia, eis que permanece trazendo novidades na produção e formatação do seu conteúdo. Com a crise da saúde se alastrando por todo o país, notou-se alterações quanto à tessitura de conteúdo. Em regra, o Jornal Nacional era constituído por uma pluralidade de temas, englobando política, economia, esporte e variedades, tanto em âmbito nacional como internacional. Nas edições analisadas, o foco principal é quanto ao enfrentamento da crise de saúde nas diversas localidades brasileiras, bem como as ações governamentais (em âmbito municipal, estadual e nacional) para controlar o avanço do vírus. Neste novo contexto, a integração das diversas regiões do país se torna ainda mais evidente. Tanto é verdade que as

⁵ Gil (2008, p.27) faz ponderações sobre pesquisa exploratória: “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas”.

⁶ Gil (2008, p.16) pondera sobre o método observacional: “O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por outro lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. Tanto é que em Psicologia os procedimentos de observação são frequentemente estudados como próximos aos procedimentos experimentais. Nestes casos, o método observacional difere do experimental em apenas um aspecto: nos experimentos o cientista toma providências para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que no estudo por observação apenas observa algo que acontece ou já aconteceu”.

notícias sobre o COVID-19 passam a ocupar praticamente 90% do jornal. Apenas no final é que são veiculadas reportagens referentes a outros assuntos e de outros países.

A mudança de foco acima referida já é perceptível na escalada da primeira edição analisada, de 23 de março de 2020⁷. Todos os principais assuntos do dia dizem respeito à pandemia de COVID-19. Após a escalada, é veiculada a vinheta de abertura, a qual mostra imagens da redação do telejornal. Neste momento, embora o vírus já estivesse presente no Brasil, a equipe da redação aparece trabalhando sem adoção de qualquer medida de distanciamento e/ou uso de EPI's.

O telejornal começa com foco no apresentador Wiliam Bonner que, ao invés de adentrar no mérito das reportagens anunciadas, convoca o telespectador a fazer uma pausa. Destaca que o país enfrenta uma grave crise de saúde, ressalta a importância dos cuidados de higiene indicados pelas autoridades de saúde. Pontua que o volume de informações a respeito do COVID-19 é grande, sendo necessário que todos fiquem calmos e unidos, para que ocorra o enfrentamento dessa adversidade. Essa conduta mostra o lado humano dos apresentadores, propagando proximidade, solidariedade e união, uma tentativa de promover um pouco de calma a uma população aflita em virtude da crise sanitária.

Nesta edição, observam-se pequenas mudanças de comportamento da equipe de reportagem. Passam a ser utilizados dois microfones na produção, um para o repórter e outro para o entrevistado. Não se verifica o uso de equipamentos de proteção pelos repórteres, que seguem circulando, tranquilamente, pelos locais externos de gravação. Apenas alguns dos entrevistados usam máscara. Aqui, cabe demarcar que o uso de dois microfones assinala para mudanças nas formas de desempenhar as rotinas telejornalísticas e demarca a necessidade do distanciamento entre repórter e fonte.

Conhecido pela qualidade e primor de suas produções, o Jornal Nacional, adaptando-se às novas rotinas de distanciamento social, mas ao mesmo tempo mantendo a proximidade com o telespectador, passa a utilizar gravações caseiras, feitas em celular, pelos próprios entrevistados. Ao falarmos que o JN começa a levar ao ar imagens que fogem ao padrão de qualidade que normalmente é visto na Rede Globo, adentrarmos na perspectiva de que houve um afrouxamento nos padrões estéticos para que houvesse a possibilidade de as informações

⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/23-03-2020/>>, acesso em 30/07/2020.

chegarem ao público, tal afrouxamento é devido à vivência de um clima de pandemia. Lembrando que a TV é um veículo que normalmente faz uso de imagens fortes e boas, como diz Paternostro (2006). E, recordando também, a partir de Duarte (2013), que a Rede Globo trabalha com um padrão de ampla qualidade.

Quanto aos correspondentes internacionais, situados em países onde a propagação do vírus já estava mais avançada, nota-se que as suas entradas são gravadas na rua, em espaços onde não há pessoas circulando. Isso mostra o cuidado de manter-se em ambientes arejados, sem aglomerações. Contudo, os repórteres não aparecem utilizando máscaras ou outro equipamento de proteção.

Na edição que foi ao ar no dia 23 de abril⁸ observa-se a manutenção no foco sobre o enfrentamento da pandemia. Tanto é verdade que todas as notícias da escalada são sobre essa temática. Além disso, dos 57 minutos de duração do telejornal, 41 minutos são dedicados ao enfrentamento da pandemia no Brasil. Apenas parte dos 15 minutos finais do programa é direcionada às notícias sobre a pandemia em âmbito mundial.

Neste contexto, cumpre salientar alterações quanto aos recursos humanos de produção. Em regra, logo após a escalada, é veiculada a vinheta de abertura do telejornal. Próximo do término desta vinheta, a câmera costuma fazer um breve “passeio” pela redação do jornal. Durante este momento, sempre é possível verificar que há profissionais trabalhando, dedicando-se à busca e apresentação de informações atuais, no exato instante em que os fatos acontecem. Isso infere a preocupação do telejornal em mostrar ao telespectador o trabalho incansável da equipe na apresentação das notícias em primeira mão. Contudo, nesta edição do dia 23 de abril, quando aparece a redação do Jornal Nacional, o cenário já é diferente: não há praticamente ninguém ali; os que ali estão, usam máscaras e estão posicionados bem distantes dos outros. Aqui, é possível entender que os membros da redação estão trabalhando, na sua maioria, de forma remota, em suas casas, o que remete para amplas mudanças no cotidiano do repórter e nas formas dele se relacionar com os fatos. Na medida em que o jornalista trabalha de casa, acaba não tendo os contatos na rua. Para suprir essa falta, o público telespectador é convocado a participar. Através de imagens captadas pelo celular, um sujeito mostra a realidade enfrentada pela população da sua região. Neste contexto, o jornalista assume um papel de mediador e

⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/23-04-2020/>>, acesso em 30/07/2020.

editor, cabendo ao telespectador colaborador atuar nos bastidores da notícia, além de exercer o papel de repórter e cinegrafista. Por conta disso, “o público passa a ser uma opção viável para os veículos tradicionais, ao renovarem os modos como produzem e divulgam as notícias” (FRAZÃO, 2012, p. 45).

Alves (2019, p. 3) ainda destaca que:

Esta relação de partilha e colaboração de material para a construção da notícia pelo jornalista traz muitas questões que necessitam ser investigadas, como por exemplo; transformações nas rotinas produtivas (coleta/verificação/construção) da notícia, aspectos relativos à fonte/autor/colaborador/notícia, diretos de autorais e negociação, linguagem e formato noticioso, critérios de noticiabilidade considerados, entre outros.

Essa sistemática é considerada uma evolução do jornalismo participativo, antigamente limitado à participação por cartas e telefone. Evidentemente que com o amplo acesso do público ao telefone celular e à internet, bem como da variedade de redes sociais, a participação do telespectador é ampliada cada vez mais.

Figura 1. Redação do JN em tempos de COVID-19.



Fonte: Reprodução/ Globo Play

Com o propósito de manter a pluralidade de vozes no Jornal Nacional, a apresentação de entrevistas através de gravações por celular pelos próprios entrevistados torna-se constante na produção de reportagem. E, com o avanço do vírus e o agravamento da crise de saúde no país, observa-se que na edição de abril permanece o uso dessa ferramenta de produção, ainda que se constate uma queda no padrão de qualidade de som e imagem. O uso de videoconferência não fica limitado às entrevistas, também sendo utilizado para promover debate entre médicos e

especialistas sobre o enfrentamento do vírus. Nesta seara também cabe inferir que há uma mudança na forma de relacionamento com as fontes e, ainda, que há mudanças no padrão da qualidade das imagens levadas ao ar. Vídeos feitos pelos entrevistados têm diversos modos de enquadramento, fugindo aos padrões da emissora e do telejornalismo de referência, o que evidencia um distanciamento da perspectiva levantada por Paternostro (2006) de que o telejornalismo usa imagens fortes e boas. Mas, em que pese as mudanças na rotina de produção jornalística, bem como a redução do padrão de qualidade, infere-se a manutenção da essência do jornalismo, que é de informar o telespectador a respeito dos fatos recentes e relevantes, com agilidade e credibilidade. Neste contexto, nota-se também um jornal mais focado no que acontece no Brasil, deixando em segundo plano a perspectiva internacional sobre o enfrentamento da crise sanitária.

Quanto às novas rotinas de produção, é possível afirmar que facilitaram o trabalho do jornalista, ainda que num primeiro momento tenha sido necessário um planejamento diferenciado e uma adaptação por parte da equipe. As novas formas de produção deixaram evidente a necessidade de investimento em tecnologia, a constante atualização dos profissionais e a necessidade de conhecimento diversificado. Com as equipes reduzidas, muitas vezes, o repórter, além de atuar como tal, também edita os vídeos, faz contatos com entrevistados, pesquisas, etc. e, da sua casa, envia o material pronto para a redação, via internet.

Figura 2. Entrevistas feitas de forma remota.



Fonte: Reprodução/ Globo Play

No mais, os repórteres de rua seguem atuando sem máscaras, em locais de pouco movimento/aglomeração de pessoas, utilizando um microfone para si e outro para o entrevistado. O noticioso se encerra mantendo o propósito de, apesar de tudo, trazer esperança ao telespectador. Assim, finaliza com reportagens de ações de solidariedade promovidas por cidadãos e empresas, mostrando a união de vários setores, empresas e empresários que promovem iniciativas para auxiliar na superação do COVID-19. Dentre as medidas estão: a criação de novos leitos hospitalares, construção de centro de tratamento exclusivo para o coronavírus, reformas de hospitais, aquisição de equipamentos de proteção, produção de produtos de higiene para doação, doação de alimentos para a população carente.

Por seu turno, a edição de 23 de maio⁹ já aparece com novos contornos. A escalada anuncia, além de notícias da pandemia, reportagens sobre escândalos políticos e polêmicas na área de segurança no Brasil. Infere-se, portanto, que escândalos políticos brasileiros relevantes passam a dividir o foco de atenção do programa com a questão sanitária.

Nesta edição, chama a atenção o uso de fundo com imagens dos mortos pelo COVID-19, que aparece toda vez que o jornal aborda o assunto. O uso deste fundo com imagens das vítimas certamente serve como forma de demonstrar o potencial de letalidade do coronavírus e para tentar conscientizar o público sobre a necessidade de cuidados devido a tantas mortes. Também, mostra o lado humano da produção, pois as vidas perdidas eram o amor, a família de alguém.

Figura 3. Os mortos pelo vírus ganham rostos, não sendo tratados apenas como números.



⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/23-05-2020/>>, acesso em 30/07/2020.

Fonte: Reprodução/ Globo Play

É importante salientar, como mostra a Figura 3, que há uso de recursos providos da tecnologia para dar mais informações ao público. Vale resgatar o pensamento de Silva (2019) que diz que as rotinas de produção tiveram adaptações de acordo com a realidade tecnológica.

Além disso, observa-se que os repórteres de rua aparecem usando máscaras e que as imagens que ilustram as reportagens também mostram, de forma mais ostensiva, o uso de máscaras pela população. Isso serve para sugestionar e conscientizar o telespectador sobre a importância do uso da máscara e do respeito às medidas de saúde divulgadas pelos órgãos de saúde. Com isso, se infere que o telejornal passou a ser um espaço de legitimação das práticas de preservação da saúde, incentivando o uso da máscara pela população, mostrando que ninguém está livre do risco de contrair COVID-19. O uso de máscaras por parte da reportagem em rua assinala para mudanças nas rotinas dos jornalistas e na forma como eles podem exercer suas atividades externas. Há uma demarcação para a necessidade de manter os cuidados necessários para a preservação da saúde.

Figura 4. Repórter usando máscara na externa.



Fonte: Reprodução/ Globo Play

Como de costume, o jornalístico encerra com amenidades, veiculando reportagens sobre futebol.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do coronavírus ressignificou diversos setores da sociedade e atividades comuns do cotidiano passaram a ter limitações na sua efetivação. Nesta seara, cabe falar das

rotinas produtivas das redações de telejornais, as quais foram amplamente ressignificadas para atenderem às recomendações das autoridades mundiais em nível de saúde.

Como mencionamos no texto, as emissoras de televisão, para poderem trabalhar em um contexto de crise de saúde, tiveram que ter alterações em todo o processo de produção de conteúdo. A higienização passou a ser constante. O uso de um microfone com o jornalista e outro com a fonte passou a ser constatado. O número de pessoas em uma reação passou a ser reduzido. O trabalho em casa passou a ser comum para muitos. Entrevistas passaram a ser captadas através de suportes tecnológicos. Vídeos gravados pelas próprias fontes passaram a fazer parte de telejornais. E as equipes de redação passaram a usar máscaras. O uso de material produzido pelas próprias fontes deu bases para que nenhum fato relevante deixasse de ser noticiado. Assim, o público foi chamado a participar de modo mais ativo, produzindo conteúdo com as ferramentas próprias, ainda que isso implicasse em queda no padrão de qualidade. Essa participação conferiu ao telespectador um lugar de fala, ampliando seu espaço, não mais limitado a mero ouvinte.

Em relação ao Jornal Nacional, no decorrer do período da pandemia, foram ocorrendo mudanças nas formas de contar os fatos e de levar as informações ao público. Como falamos anteriormente no texto, a redação, que aparece ao fundo dos apresentadores, passou a ser mostrada praticamente vazia; entrevistas passaram a ser feitas de forma remota; os mortos pela Covid-19 ganharam rosto e destaque no telejornal; repórteres passaram a usar máscaras ao irem para a rua; e a humanização do relato passou a ser maximizada, como tentativa de aproximação com o público e com as famílias dos falecidos.

A pandemia do coronavírus gerou grandes transformações nas formas de contar os fatos em um telejornal e acentuou a importância da divulgação de notícias para o público. Em meio a um cenário caótico, as informações provindas dos veículos de comunicação passaram a ser amplamente buscadas pelos espectadores. E foi visível que adentramos em um momento em que o conteúdo levado ao ar passou a ser ponto de ênfase, em detrimento de questões estéticas de uma reportagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, K. C.; DÍAZ NOCI, J. Telejornal e audiência ativa na Espanha: estudo de caso da TV3 - Televisió de Catalunya. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM

JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: SBPJor, 2017.

Disponível em:

<<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/642/563>>.

Acesso em abr. 2021.

COLETIVA. NET. **Como o novo coronavírus mudou a forma de fazer telejornalismo no RS?** Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/como-o-novo-coronavirus-mudou-a-forma-de-fazer-telejornalismo-no-rs,355535.jhtml?fbclid=IwAR1GFsZqzpb4KSE01dB1Rm0r6PlrBJG9isnAJQo0tfiYXCWQ1Dz8--Hui-0>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

COUTINHO, Iluska. Programa e público brasileiros: a trajetória do Jornal Nacional nas vozes de seus personagens. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. VI Congresso Nacional de História da Mídia - 200 anos de mídia no Brasil. Niterói. **Anais**. Universidade Federal Fluminense, 2008

DUARTE, Elizabeth Bastos. Como caracterizar qualidade em relação à produção da Rede Globo de Televisão?. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Vol. 10 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2013.

EMERIM, Carlida. O texto na reportagem de televisão. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Intercom, 2010

FRANCO, Eda Mariza. A Voz na apresentação do telejornal: um estudo enunciativo do Jornal Nacional da Rede Globo. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FRAZÃO, Samira Moratti. Jornalismo participativo no telejornal: o telespectador como produtor de conteúdo. **Vozes e Diálogo**. Itajaí, v. 11, n.2, p. 44-57, jul./dez., 2012.

FONSECA, Caue. **Cresce o interesse pelo jornalismo no Brasil**. GaúchaZH. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/05/cresce-o-interesse-pelo-jornalismo-no-brasil-cka4qm8wx010s015nml690uu0.html?fbclid=IwAR34Ljvfsg5BBRloecVeyFSyc-idfjcarQADB-70YDKsEmMHMFtDrioPEU>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Itania. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da Ditadura Militar. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, p. 5-14, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7537/5402>>, acesso em 21 de outubro de 2015.

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E Compós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

MORAIS, Wilma Peregrini; Bez, Ana Carla de Lemos. 2004. **Rotinas produtivas e suas interferências**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/rotinas-produtivas-e-suas-interferencias/>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo**: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1. 156p.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique; LACERDA, Ana Guerreiro; SANTOS, Michele Mattos. 2005. **As rotinas produtivas na cobertura jornalística da Presidência no Brasil**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-henrique-rotinas-produtivas.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

SILVA, Edna de Mello. **Fases do Telejornalismo**: uma proposta epistemológica. In: Comunicação, jornalismo e transformações convergentes [recurso eletrônico] / orgs. Liana Vidigal Rocha. Sérgio Ricardo Soares. Palmas: EDUFT, 2019. Dados eletrônicos (pdf). 136 f.

Submetido: 27/08/2020

Aceito: 07/12/2021